

RELATO DE EXPERIÊNCIA IDENTIFICADO

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM PEQUENOS GRUPOS SOB A PERSPECTIVA DE ACADÊMICOS DE MEDICINA

THE SMALL-GROUP LEARNING PROCESS FROM THE PERSPECTIVE OF MEDICAL STUDENTS

Renée Leão Calheiros¹, Rosane Pereira dos Reis¹, Mickaelly da Silva Machado¹, Rafael Alvim do Amaral Calheiros², Mateus de França Rodrigues¹, Carlos Daniel Cândido Barros¹, José Danilo de Oliveira Fonseca¹, Matheus Barbosa Santos Silva¹, Meslissa Cídia Souza de Barros Silva¹, Janine Mayara Silva de Almeida¹, Marcelle Louise Lira Gomes de Araújo¹, Micael Pereira Malaquias¹, Marilene Brandão Tenório Fragoso³.

1. Acadêmicos do curso de Medicina Unima/Afya; 2. Acadêmico do curso de Medicina Faculdade de Medicina de Olinda; 3. Professor do curso Medicina da Unima/Afya.

E-mail: micaelpmalaquias2023@gmail.com

Eixo Temático: SAÚDE

RESUMO

A educação médica tem incorporado metodologias ativas que valorizam o protagonismo discente e a construção compartilhada do conhecimento. Nesse contexto, a Aprendizagem em Pequenos Grupos (APG) destaca-se por estimular a interação entre estudantes, a autonomia, o raciocínio crítico e o desenvolvimento de competências essenciais à formação médica. Este estudo teve como objetivo analisar, a partir das vivências dos acadêmicos de Medicina, as contribuições e os desafios da aprendizagem em pequenos grupos, considerando seus impactos na construção do conhecimento, no desenvolvimento da autonomia e no trabalho colaborativo. A inserção dos acadêmicos nessa metodologia representou, inicialmente, um processo de adaptação, marcado por insegurança diante de uma dinâmica de aprendizagem ainda pouco familiar. Contudo, a vivência progressiva possibilitou o desenvolvimento de maior autonomia, segurança na participação e capacidade de construção coletiva do conhecimento. A experiência, em consonância com a literatura sobre metodologias ativas, evidenciou que a APG contribui para a consolidação dos conteúdos abordados em sala de aula e nos laboratórios morfofuncionais, favorecendo uma aprendizagem mais participativa, integrada e significativa.

Palavras-chave: Educação Médica; Estudantes de Medicina; Aprendizagem Baseada em Problemas; Educação de Graduação em Medicina.

ABSTRACT

Medical education has increasingly incorporated active learning methodologies that emphasize the student's active role and the collaborative construction of knowledge. In this context, Small-Group Learning (SGL) stands out for fostering student interaction, autonomy, critical reasoning, and the development of competencies essential to medical training. This study aimed to analyze the contributions and challenges of small-group learning from the perspective of medical students, considering its impact on knowledge construction, the development of autonomy, and collaborative work. Initially, the students' introduction to this methodology involved an adjustment period marked by uncertainty regarding a learning dynamic that was still unfamiliar to them. However, as they gained experience, they developed greater autonomy, confidence in participating, and the ability to construct knowledge collectively. Consistent with the literature on active methodologies, the experience demonstrated that SGL contributes to consolidating material covered in the classroom and morphofunctional laboratories, thereby fostering a more participatory, integrated, and meaningful learning process.

Keywords: Medical Education; Medical Students; Problem-Based Learning; Undergraduate Medical Education.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação médica tem incorporado progressivamente metodologias ativas de ensino, em resposta à necessidade de superar modelos predominantemente transmissivos e favorecer processos formativos centrados no estudante. Nesse contexto, a Aprendizagem em Pequenos Grupos (APG) destaca-se por proporcionar um ambiente de interação, colaboração e reflexão, no qual o acadêmico participa ativamente da construção do conhecimento. Essa abordagem favorece a articulação entre conteúdos teóricos e situações-problema, contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio crítico, da autonomia, da comunicação e da capacidade de trabalho em equipe.¹

No âmbito da formação médica, estratégias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP/PBL) e outras modalidades de ensino colaborativo utilizam a dinâmica dos pequenos grupos como instrumento para estimular a investigação, a argumentação e a integração de diferentes perspectivas. A partir de situações-problema reais ou simuladas, os estudantes são estimulados a mobilizar conhecimentos prévios, identificar lacunas de aprendizagem, estabelecer objetivos e buscar evidências científicas de forma autônoma, posteriormente compartilhando os conhecimentos construídos com os demais integrantes. Esse processo favorece não apenas a consolidação dos conteúdos, mas também o desenvolvimento de competências necessárias à prática profissional.²

A efetividade da APG, entretanto, está relacionada à forma como a atividade é planejada e conduzida. Aspectos como preparo prévio dos estudantes, organização do grupo, qualidade dos recursos educacionais, disponibilidade de tempo e atuação do tutor podem interferir diretamente na experiência de aprendizagem. Nesse cenário, o tutor assume função de facilitador, estimulando a participação equitativa, direcionando as discussões, promovendo questionamentos e auxiliando o grupo na consecução dos objetivos educacionais, sem substituir o protagonismo dos estudantes.³

Além das contribuições relacionadas à aquisição do conhecimento, a aprendizagem em pequenos grupos pode favorecer o desenvolvimento de competências socioemocionais e relacionais fundamentais à formação médica, incluindo escuta ativa, empatia, respeito às diferentes perspectivas, cooperação e comunicação. A interação contínua entre os participantes possibilita ainda a realização de feedbacks, permitindo identificar potencialidades e fragilidades individuais e coletivas e promover o aprimoramento progressivo do desempenho acadêmico.⁴

Apesar das potencialidades descritas na literatura, a experiência dos estudantes pode apresentar diferentes percepções, especialmente durante o processo inicial de adaptação a metodologias que exigem maior autonomia e participação. Dessa forma, o presente relato teve como objetivo analisar, a partir das vivências dos acadêmicos de Medicina, as contribuições e os desafios da aprendizagem em pequenos grupos, considerando seus impactos na construção do conhecimento, no desenvolvimento da autonomia e no trabalho colaborativo.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência foi desenvolvida no curso de Medicina do Centro Universitário de Maceió (UNIMA/AFYA), no contexto das atividades acadêmicas do eixo de Sistemas Orgânicos Integrados (SOI), componente curricular presente nos cinco primeiros períodos da graduação. O eixo tem como proposta a integração dos conhecimentos das áreas básicas e clínicas, articulando conteúdos relacionados à estrutura, ao funcionamento e às alterações dos diferentes sistemas orgânicos com aspectos pertinentes à avaliação clínica e à formação médica. Nesse contexto, as principais estratégias pedagógicas empregadas compreendem palestras e atividades de Aprendizagem em Pequenos Grupos (APG), fundamentadas nos princípios da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP).

A experiência foi realizada ao longo de um semestre letivo, com participação de acadêmicos do curso de Medicina organizados em grupos de aproximadamente oito a dez estudantes, sob acompanhamento de um tutor-facilitador. O planejamento das atividades esteve articulado aos conteúdos e objetivos educacionais estabelecidos para cada módulo do eixo de SOI, de modo a favorecer a integração entre conhecimento teórico, raciocínio clínico, autonomia discente e trabalho colaborativo.

As sessões de APG eram iniciadas pela apresentação de uma situação-problema previamente estruturada de acordo com os conteúdos programáticos. Em um primeiro momento, os estudantes realizavam a leitura e interpretação coletiva do problema, identificando informações relevantes, conhecimentos prévios e possíveis hipóteses explicativas. Posteriormente, eram discutidas as lacunas de conhecimento identificadas e estabelecidos os objetivos de aprendizagem que orientariam a etapa de estudo.

Para organização das atividades, os próprios estudantes assumiam funções específicas, incluindo a escolha de um coordenador e de um secretário. O coordenador desempenhava a função de conduzir e organizar as discussões, estimulando a participação dos integrantes,

enquanto o secretário registrava os principais pontos abordados e os objetivos de aprendizagem definidos pelo grupo. Essa estrutura favorecia a distribuição de responsabilidades, a organização do raciocínio coletivo e a participação ativa dos acadêmicos durante as diferentes etapas da atividade.

Após a definição dos objetivos, iniciava-se a etapa de estudo autônomo, na qual os estudantes realizavam buscas individuais em diferentes fontes de informação, incluindo livros-texto, artigos científicos, materiais acadêmicos e referências disponibilizadas no ambiente educacional. Em seguida, os conhecimentos obtidos eram socializados nos encontros subsequentes, possibilitando a confrontação de informações, o esclarecimento de dúvidas, a discussão das evidências encontradas e a construção coletiva de respostas para o problema inicialmente proposto.

Durante o desenvolvimento da experiência, observou-se uma progressiva adaptação dos estudantes à metodologia. Nas etapas iniciais, a necessidade de assumir maior protagonismo no processo de aprendizagem, participar das discussões e realizar buscas autônomas de informações constituiu um desafio para os acadêmicos. Com a continuidade das atividades, entretanto, verificou-se maior familiaridade com a dinâmica das sessões, maior segurança na exposição e argumentação de ideias e aprimoramento das estratégias utilizadas para seleção, interpretação e compartilhamento das informações.

A avaliação do processo de aprendizagem ocorria de forma contínua, mediante instrumento padronizado aplicado pelo tutor em cada encontro. O processo contemplava aspectos individuais e coletivos, considerando a participação, o comprometimento, a capacidade de argumentação, a contribuição para as discussões, a interação com os demais integrantes e o desenvolvimento dos objetivos propostos. Ao final das sessões, eram realizados momentos de feedback síncrono, nos quais os estudantes eram estimulados à autoavaliação, à avaliação interpares e à análise da dinâmica do grupo, possibilitando o reconhecimento de potencialidades e a identificação de aspectos passíveis de aprimoramento.

Como recursos educacionais, foram utilizados os problemas norteadores elaborados para os módulos, materiais didáticos, literatura científica e demais fontes bibliográficas pertinentes aos objetivos de aprendizagem. A utilização desses recursos, associada à discussão mediada pelo tutor, possibilitou o desenvolvimento de estratégias de busca e análise crítica das informações, fortalecendo a autonomia acadêmica e a responsabilização dos estudantes pela construção do conhecimento.

Ao longo da experiência, a metodologia demonstrou potencial para favorecer não apenas a consolidação dos conteúdos relacionados ao eixo de SOI, mas também o desenvolvimento de competências transversais relevantes para a formação médica. A dinâmica dos pequenos grupos estimulou habilidades de comunicação, escuta ativa, argumentação, cooperação, respeito à diversidade de opiniões, empatia e tomada de decisões compartilhadas. A interação entre os acadêmicos também possibilitou diferentes perspectivas sobre os problemas discutidos, ampliando as possibilidades de interpretação e contribuindo para uma aprendizagem mais participativa e integrada.

A vivência permitiu, portanto, reconhecer a APG como uma estratégia pedagógica capaz de articular conhecimentos teóricos e práticos, promover o protagonismo discente e estimular o desenvolvimento progressivo da autonomia no processo formativo. A integração dessa metodologia ao eixo de Sistemas Orgânicos Integrados mostrou-se relevante para a construção de uma aprendizagem colaborativa, crítica e contextualizada, contribuindo para o desenvolvimento de competências essenciais à formação médica.

Por se tratar de um relato de experiência vinculado às atividades regulares de ensino, não foram realizadas intervenções ou procedimentos experimentais, tampouco foram utilizados dados pessoais ou informações individualmente identificáveis dos acadêmicos. A apresentação da experiência foi realizada de forma coletiva, preservando-se o anonimato e a confidencialidade dos participantes.

CONCLUSÃO

A experiência permitiu evidenciar a contribuição da Aprendizagem em Pequenos Grupos (APG), integrada ao eixo de Sistemas Orgânicos Integrados (SOI), para a consolidação e integração dos conhecimentos desenvolvidos nas aulas teóricas e nos laboratórios morfofuncionais. A metodologia favoreceu o protagonismo discente, a autonomia na busca e análise de informações e a construção coletiva do conhecimento, além de estimular o raciocínio crítico e a capacidade de relacionar conteúdos básicos e clínicos. A dinâmica dos pequenos grupos também se mostrou relevante para o desenvolvimento de competências comunicacionais e relacionais, como escuta ativa, argumentação, cooperação, respeito à diversidade de perspectivas e responsabilização pelo processo de aprendizagem.

Portanto, sob a perspectiva formativa, a vivência possibilitou compreender que a inserção sistemática dos acadêmicos em estratégias pedagógicas participativas contribui para

uma formação médica mais crítica, autônoma e colaborativa, aproximando o processo educacional das demandas da prática profissional. A experiência apresenta potencial para continuidade e ampliação em diferentes módulos e períodos do curso, bem como para o desenvolvimento de novas investigações acerca dos impactos das metodologias ativas sobre o desempenho acadêmico, a integração entre conhecimentos e o desenvolvimento de competências profissionais. Assim, a APG configura-se como uma estratégia pedagógica relevante para fortalecer a aprendizagem significativa e preparar o estudante para a atuação em equipe ao longo de sua trajetória profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Marques HR, et al. Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. *Rev Aval Educ Super.* 2021;26(3).
2. Melo AC, et al. Educação médica em tempos de pandemia e a utilização de metodologias ativas mediadas por tecnologia. *Medicina (Ribeirão Preto).* 2021;54(2):e-174684.
3. Rodrigues ASD, et al. Aprendizagem baseada em equipes no ensino remoto da promoção e educação em saúde na medicina. *Rev Bras Educ Med.* 2023;47(1).
4. Freitas KG, et al. Aprendizagem em pequenos grupos adaptado ao ensino remoto na medicina. *Saberes Interdiscip.* 2022;(28):38-44.